

Economistas esperam taxa mais alta no curto prazo

No começo do novo governo, inflação deve continuar a determinar decisões do BC

IRANY TEREZA

RIO — O economista Carlos Geraldo Langoni, diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas e ex-presidente do Banco Central (BC), acredita que o comportamento da inflação continuará ditando o ritmo da oscilação dos juros. "Caso a inflação em janeiro fique acima de 2% ao mês, acredito que será necessário um novo choque de juros até abril. E quanto mais rápido a medida for tomada, melhor resultado terá", afirmou, dizendo não acreditar que o presidente indicado para o BC, Henrique Meirelles, se esquivará de medidas como esta. "Acho que ele tem firmeza e coragem para isso."

O professor do Ibmec Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do BC, defende que o Copom determine uma alta nos juros "além do necessário, para permitir que o futuro governo comece a baixar

lentamente a Selic". Ele disse que a medida funcionaria como uma compensação. "Seria natural compensar nos juros uma alta de preços que ocorreu neste governo, já que o próximo vai iniciar o mandato com restrições enormes", disse o economista.

Para Thadeu, como o mercado tem projetado em 26,5% a taxa de juros para abril, uma alta além do necessário agora seria para situar a Selic em 26%.

Elson Teles, do Banco Boreal, concorda que não deve haver uma mudança muito grande na estratégia do BC no futuro governo. "Não há como pensar em reduzir os juros sem trazer de volta a um dígito o índice de inflação." Para Teles, um aumento dos juros agora pode vir a desobrigar o novo governo de já iniciar o mandato elevando os juros, mas tudo vai depender da inflação. Pode ser que não suba de início, mas pensar em redução nos primeiros três meses é uma coisa muito difícil. No máximo, podem determinar um viés de baixa. O essencial é pensar em alcançar uma taxa de inflação de 5% ao ano depois de 2003", diz Teles.